

## O FUNCIONAMENTO REFERENCIAL NO DISCURSO DA CRIANÇA: UMA ANÁLISE DE FATOS ENUNCIATIVOS DE AQUISIÇÃO DE LÍNGUA MATERNA

### THE REFERENTIAL OPERATION IN CHILD'S DISCOURSE: AN ANALYSIS OF ENUNCIATIVE FACTS OF FIRST LANGUAGE ACQUISITION

Raiany TOMAZZI<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é observar o funcionamento referencial no discurso da criança em fase de aquisição da língua materna. A partir da teoria enunciativa de Émile Benveniste – essencialmente nos *Problemas de linguística geral I e II* –, aliada ao campo de aquisição da linguagem – deslocamento operado por Silva (2009) –, observamos o valor que a criança atribui às formas que integram seu discurso. Para mediar a discussão, fatos enunciativos de uma criança acompanhada dos onze meses aos três anos e quatro meses de idade foram analisados. Os resultados evidenciam que a subjetividade está implicada nas operações que a criança realiza ao referir em seu discurso.

**Palavras-chave:** Émile Benveniste. Teoria da Enunciação. Aquisição de Língua Materna. Referência. Subjetividade.

**Abstract:** This article aims to observe the referential operation in child's discourse in first language acquisition. From Émile Benveniste's theory of utterance – essentially in *Problems in general linguistics I and II* –, allied with the language acquisition field – shift operated by Silva (2009) –, we observed the value that the child attributes to the forms which integrate the discourse. In order to mediate the discussion, enunciative facts of a child followed from eleven months until three years and four months old were analyzed. The results show that subjectivity is implicated in the operations that the child performs on referring in his/her speech.

**Keywords:** Émile Benveniste. Theory of Utterance. First Language Acquisition. Reference. Subjectivity.

#### 1. Considerações iniciais

O artigo apresentado aqui foi constituído no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “A criança na língua: a operação de referência”, coordenado pela Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva e desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com início em 2010. Partindo dos estudos enunciativos de Émile Benveniste e aliando-os ao campo de aquisição da linguagem – principalmente aos deslocamentos operados por Silva (2009), que concebe a aquisição da língua materna como um ato de enunciação –, temos como objetivo principal observar a operação de referência realizada

---

<sup>1</sup> Mestranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. E-mail: raiany.tomazzi@gmail.com.

pela criança e evidenciar o valor subjetivo que ela atribui às formas que atualiza em seu discurso. Buscamos compreender de que maneira a criança, em seu ato de aquisição da língua materna, produz referências em seu discurso para aquilo que não faz parte da alocação (**eu-tu**), mas que de alguma forma se presentifica em suas enunciações.

Para tanto, centramo-nos na reflexão benvenistiana acerca da dupla natureza relacional da língua, ligada à estrutura da alocação (**eu-tu**) e à operação de referência (**ele**). Essa dupla natureza é constitutiva de cada ato de enunciação e, como tal, dos atos enunciativos atualizados pela criança e pelo outro de sua alocação. Para realizar o estudo, verificamos o funcionamento de **ele** (referência) e o valor subjetivo que adquire no discurso da criança a partir de dados longitudinais de uma criança acompanhada dos onze meses aos três anos e quatro meses de idade. A análise dos fatos aponta que o modo singular como a criança, pela necessidade de referir para o outro da sua alocação, atualiza as formas no discurso atesta a subjetividade implicada no seu ato de aquisição da linguagem.

## 2. Pressupostos Teóricos

### 2.1 A teoria enunciativa benvenistiana

Os estudos de Émile Benveniste caracterizam-se por propor um olhar voltado ao homem que mobiliza a língua a fim de produzir enunciados, carregados de valor subjetivo e singularidade. A teoria do linguista não se propõe a estudar as características do sujeito que enuncia, e sim as marcas que estão impressas em seus discursos. Ao tratar da enunciação e do **homem na língua**, Benveniste explora os mais variados aspectos relacionados à linguagem; seus escritos encontram-se reunidos em dois volumes, intitulados *Problemas de linguística geral I e II*. O objetivo desta seção é o de operar com um recorte na teoria linguística, em que selecionamos os estudos que exploram as noções de **referência** e **(inter)subjetividade** desenvolvidas pelo linguista, que nos permitirão alicerçar nossa análise sobre o funcionamento referencial no discurso da criança. Em função disso, a reflexão que trazemos parte essencialmente dos princípios presentes nos textos “A natureza dos pronomes” (1956), “Da subjetividade na linguagem (1958)”, “O

aparelho formal da enunciação” (1970) e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968).

### 2.1.1 Referência e (inter)subjatividade na teoria benvenistiana

Para se pensar em referência e (inter)subjatividade segundo a teoria benvenistiana, é preciso levar em conta dois aspectos primordiais da enunciação. O primeiro deles se manifesta a partir da realidade do próprio discurso, em que temos a presença de um locutor, designado e referido na realidade discursiva como **eu**, estabelecendo uma relação inversível com seu alocutário, **tu**. Essa relação de dependência entre as pessoas **eu-tu** do discurso revela a (inter)subjatividade como constitutiva da língua em ação no discurso. Constituindo e implantando o **tu** de seu enunciado diante de si, o **eu** consegue estabelecer-se como sujeito da enunciação, definindo o seu caráter subjetivo de pessoa enunciativa.

Há, porém, “enunciados de discurso [...] que escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação ‘objetiva’” (BENVENISTE, 2005, p. 282). É o domínio daquilo a que Benveniste nomeia como não-pessoa. Desta maneira, o **eu** se instaura no discurso a partir de um **tu** para produzir enunciados a respeito do que está fora da alocação **eu-tu**, mas que se presentifica no diálogo, expressando sua relação com o mundo. Trata-se da referência, onde encontramos um **ele** que remete à realidade, objetivando-a. Esse **ele** opõe-se às pessoas do discurso, caracterizando-se como não-pessoa por não possuir a mesma função de pessoa enunciativa, e sim a função referencial.

Associando essas duas concepções, chegamos à conclusão de que as pessoas **eu-tu** do discurso são as responsáveis por atribuir o valor da não-pessoa **ele** no ato enunciativo. Isso acontece na medida em que o **eu** (instaurado como sujeito na alocação a partir de seu **tu**) se propõe como sujeito e passa a referir ao que se encontra fora do discurso (**ele**). Ou seja, a referência do discurso adquire valor subjetivo a partir do **eu** nele instaurado, que traz consigo marcas em relação ao **eu** que se enuncia. Nas palavras do linguista, “a enunciação supõe a conversão **individual** da língua em discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 83; grifo nosso). É justamente esse caráter individual, particular e único, que queremos discutir, levando em consideração a relação que uma criança estabelece com a língua que está adquirindo.

## 2.2 Perspectiva aquisicional enunciativa

A teoria benvenistiana abarca as noções de referência e (inter)subjetividade que exploramos brevemente acima. Entretanto, o teórico não se dedica ao estudo de tais princípios em situação de aquisição da linguagem. Frente a isso, Silva (2009) percebe a “falta” de uma concepção enunciativa em aquisição da linguagem, e é responsável por operar o deslocamento que preenche tal lacuna. Dessa forma, Silva estabelece o diálogo entre os dois campos – Teoria da Enunciação de Benveniste e Aquisição da Linguagem – para propor os princípios do que denominamos como perspectiva aquisicional enunciativa. Isso só é possível porque a teoria benvenistiana não se constitui em um modelo fechado de análise, o que permite inúmeras associações e deslocamentos entre diferentes áreas de estudo. De acordo com Silva (2009a, p. 28)

A Linguística da Enunciação possibilita a produção de um saber para o campo **Aquisição da Linguagem** do mesmo modo que a linguagem da criança interroga o campo **Linguística da Enunciação**. Esse diálogo, a meu ver, permite a constituição de um novo saber para os dois campos, já que não é possível simplesmente fazer uma aplicação da Teoria da Enunciação aos dados da criança. E aí ousou enunciar princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem para, a partir de tais princípios, analisar a fala da criança (grifos no original).

A partir do diálogo já estabelecido entre os dois campos de conhecimento, exploraremos as noções de referência e (inter)subjetividade no discurso da criança.

### 2.2.1 A operação de referência no discurso da criança

Em se tratando da aquisição da linguagem, encontramos uma criança constituindo-se no papel do locutor **eu** e, naturalmente, postulando seu alocutário **tu**, que geralmente é composto pelos familiares e amigos adultos com quem esta mesma criança convive. Dessa maneira o discurso é estabelecido e “à criança é dado um lugar enunciativo e a possibilidade de encontrar a linguagem através do outro” (SILVA, 2009b, p. 183). É nesse – e por esse – lugar enunciativo que o locutor-criança se instaura como sujeito da própria alocação, passando a conferir marcas subjetivas expressas pelas escolhas linguísticas particulares em cada ato enunciativo que produz, afinal, “é no

discurso que a linguagem atualiza o seu caráter subjetivo. O ato de discurso que enuncia ‘eu’ é sempre novo e realiza, a cada vez, a inserção do locutor em um momento novo do tempo e em circunstâncias diferentes” (SILVA, 2009b, p. 183).

O locutor-criança **eu**, em sua alocução, apresenta a necessidade de referir ao que está “fora” do discurso, àquilo que não se constitui na alocução **eu-tu**, ao mesmo tempo em que se presentifica nos enunciados de **eu**. Assim, o locutor é capaz de estabelecer relações com o mundo, com o outro e com a própria língua, ao passo que o alocutário **tu** é responsável por correferir por intermédio das formas empregadas no discurso. É nesse contexto que a não-pessoa **ele** é inserida na alocução, instaurando-se, assim, o mecanismo da operação de referência. Percebe-se, então, que “a oposição (**eu-tu**)/**ele** efetua a operação da referência e fundamenta a possibilidade de discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é alocução” (SILVA, 2009b, p. 163). É importante ressaltar que é o locutor-criança o responsável por apontar a não-pessoa na própria enunciação, atribuindo-lhe sentido e referência em seu discurso: ao fazer isso, o **ele** passa a constituir-se elemento também subjetivo.

Levando em consideração as máximas da teoria da enunciação de irrepetibilidade e singularidade expressas pelo **eu** de cada alocução, buscamos compreender os movimentos particulares e únicos que a criança realiza na e pela língua em sua fase de aquisição da linguagem. Detemo-nos, neste estudo, a explorar o mecanismo da operação de referência de um locutor-criança que se instaura no discurso como sujeito “a partir de sua constituição na enunciação por meio de marcas e mecanismos inscritos em seu discurso” (SILVA, 2009b, p. 157).

### 3. Considerações Metodológicas

Falar sobre metodologia em pesquisas filiadas à teoria enunciativa requer atenção especial. De fato,

[...] não há **um método a priori** em teoria da enunciação, ao menos não na teoria de Benveniste [...] que possa ser empregado como um modelo para estudar um fenômeno linguístico. Com isso, queremos dizer que as análises enunciativas são, de certa forma, decorrentes de uma proposta metodológica singular que não tem a pretensão da universalidade. Ora, se cada enunciação é única, por que deveríamos lançar mão de um modelo geral e universal de análise para dar conta de

enunciados tão diversos? (SILVA; ENDRUWEIT, 2001, p. 237; grifo no original).

Tratamos aqui da observação dos enunciados únicos e irrepetíveis de uma criança em aquisição da língua materna. Apesar de Benveniste não ter dedicado seus estudos ao campo da aquisição, podemos analisar a fala de uma criança sob o ponto de vista enunciativo, uma vez que “qualquer fenômeno linguístico de qualquer nível (sintático, morfológico, fonológico, etc.) pode ser abordado desde o ponto de vista da linguística da enunciação.” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 106).

### 3.1 Fatos enunciativos da linguagem da criança

O *corpus* analisado é formado por dados longitudinais de uma criança acompanhada dos onze meses aos três anos e quatro meses de idade, que foram previamente coletados e transcritos por Silva (2009b). Tratamos estes dados como **fatos enunciativos** resultantes da observação das situações de fala da criança. Isso porque, como menciona Flores (2001, p. 59), “não se trata de algo ‘dado’ enquanto evidência, mas do produto de um construto teórico”. Além disso, em uma perspectiva enunciativa o dado é jamais recuperável: no momento de coleta, em que o pesquisador lança seu olhar sobre a situação, ela já sofre o processo de subjetivação, tornando-se, assim, um **fato** passível de análise.

A partir desse grande *corpus*, realizamos um recorte em que selecionamos duas situações enunciativas que apresentam a operação de referência, em que o **ele** é representado através das referências do locutor-criança e correferido no discurso pelo alocutário (geralmente um adulto). Pretendemos, ao analisar os fatos, atestar que referência e subjetividade estão interligadas e são inseparáveis na enunciação, além de compreender os movimentos que a criança realiza ao referir ao que está fora da alocação, entendendo a operação reflexiva que ela opera sobre a língua.

A informante do estudo é representada pelo nome fictício de Francisca. FRA (como é referida nas transcrições) é uma menina brasileira de classe média, residente na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em sua fase de aquisição de língua materna, esteve exposta somente à língua portuguesa. Na situação de coleta, a informante foi filmada produzindo diálogos com as pessoas de seu convívio, o que

garantiu o maior grau de naturalidade possível. Posteriormente, suas falas foram transcritas, e constituem objeto de diversas análises.

A fim de facilitar a leitura dos fatos, trazemos a seguinte tabela, que ilustra as convenções utilizadas por Silva (2009b) na transcrição dos fatos enunciativos de Francisca:

*Tabela 1 – Convenções utilizadas na transcrição dos fatos enunciativos.*

<b>Participantes</b>	registro de quem está presente no momento da filmagem, dialogando com a criança.
<b>Data</b>	registro da data em que foi feita a filmagem.
<b>Idade</b>	idade da criança no momento da filmagem (anos; meses; dias).
<b>Situação</b>	breve contextualização da situação de coleta.
<b>Com</b>	comentários da situação de enunciação.
<b>[= ]</b>	eventos não verbais e breves explicações.
<b>XXX</b>	indica que uma palavra ou frase não foi entendida pelo transcritor.
<b>@</b>	pausa curta.
<b>Maiúsculas</b>	indica tom de voz elevado.
<b>Negrito</b>	indica trechos do discurso que são referidos na análise.

Fonte: TOMAZZI, R. 2014, p. 36 (adaptado)

### 3.2 Procedimentos de análise

De maneira a nortear a análise sob o recorte enunciativo acima descrito, elaboramos duas questões centrais que permearão todo o processo de verificação dos fatos selecionados, sendo a primeira delas:

- (1) Quais os mecanismos utilizados pela criança que evidenciam o valor subjetivo que ela atribui às formas atualizadas em seu discurso?

Considerando sempre a estreita relação entre subjetividade e a operação de referência, também buscamos responder:

- (2) Como a criança engendra formas para produzir referências únicas que a singularizam a cada ato enunciativo?

#### 4. O funcionamento referencial do discurso da criança: análise dos fatos enunciativos

Dentro do recorte enunciativo que operamos sobre o *corpus* de Silva (2009b), escolhemos dois fatos enunciativos para discussão: fato enunciativo A e fato enunciativo B. Abaixo, apresentamos a transcrição dos fatos, seguidos das respectivas análises. Vale ressaltar que, por serem também atos de enunciação, as análises que propomos possuem caráter subjetivo, e que outras interpretações sobre o mesmo recorte são possíveis.

##### Fato Enunciativo A:

<i>Participantes:</i>	CAR (tia, filmando); PAI; MÃE e EDU (irmão de 7 anos)
<i>Data:</i>	16-12-2002
<i>Idade:</i>	2 anos; 2 meses; 11 dias
<i>Situação:</i>	FRA está em sua casa, conversando com CAR. Depois, vai arrancar capim no pátio com o PAI, a MÃE e o EDU. Após vai para a frente da casa brincar com uma boneca.
<i>Comentário:</i>	FRA está na frente de sua casa com CAR e EDU, olhando o Papai Noel na sacada de um prédio.
(l. 01)	CAR: Papai ÉI foi imbora?
(l. 02)	FRA: foi
(l. 03)	CAR: qui coisa séria o Papai ÉI saiu da janela.
(l. 04)	EDU: <b>ele pulô</b>
(l. 05)	CAR: hum ele pulô! Dudu disse qui eli pulô @ <b>será qui ele não caiu?</b>
(l. 06)	FRA: <b>seá caiu Papai ÉI? Não sei seá caiu?</b>
(l. 07)	CAR: é, não caiu?
(l. 08)	FRA: não.
(l. 09)	CAR: não?
	Com: silêncio
(l. 10)	FRA: <b>seá caiu lá seá caiu seá caiu XXX lá ó uô uô tia uô</b>
(l. 11)	CAR: <b>caiu</b>
(l. 12)	FRA: <b>não, puôô</b>
(l. 13)	CAR: <b>ah, ele pulô</b>
(l. 14)	FRA: <b>é</b>
(l. 15)	CAR: hum ah ele que pulô, pra ondi qui ele foi então?
(l. 16)	FRA: <b>puôô</b>
(l. 17)	CAR: ele puô
(l. 18)	FRA: <b>é</b>
(l. 19)	CAR: e foi pra ondi pra ondi ele foi?
(l. 20)	FRA: ele foi lá leva os presenti



Fonte: SILVA, 2009b, p. 239 (adaptado)

No fato enunciativo transcrito acima, percebe-se que o locutor-criança (marcado pelas falas de FRA) realiza o mecanismo de **repetição**<sup>2</sup> ao apropriar-se das formas utilizadas pelo **tu** de seu discurso (CAR e EDU). Ao referir à não-pessoa da situação enunciativa (nesse caso, o Papai Noel na sacada de um prédio), CAR e EDU introduzem quatro formas relacionadas à ação: “ir embora”, “sair”, “cair” e “pular”. Num primeiro momento, a criança concorda com a afirmação da CAR, aceitando que o Papai Noel teria “ido embora” do lugar onde estava, expressando a relação discurso-mundo. Em seguida, a tia apresenta (linha 03) uma forma que representa o modo como o referente teria “ido embora”: o Papai ÉI “saiu” da janela. EDU propõe um novo modo, afirmando que o Papai Noel teria “pulado” (l. 04), e não simplesmente “saído” da janela.

Frente à indagação proposta por CAR (l. 05), FRA, ainda por meio da **repetição** das formas introduzidas pelo outro na situação enunciativa, expressa sua dúvida (l. 06; l. 10). Ao **atualizar** as formas no fio do discurso, FRA opera o mecanismo de **seleção e escolha**, ao eleger a forma “pular” (o que se confirma nas linhas 08, 10, 12 e 16). Enquanto FRA repete as formas já trazidas pelo outro, estas vão atualizando-se no discurso da própria criança, que lhes atribui sentido único e característico.

Pelos mecanismos de **repetição, seleção e escolha** a criança instaurou-se como locutor no discurso ao optar pela forma que, para ela, melhor se adequou em seu enunciado, o que atesta a subjetividade implicada em seu ato enunciativo.

### Fato Enunciativo B:

<i>Participantes:</i>	AVÓ; CLA (babá) e CAR (tia, filmando)
<i>Data:</i>	10-10-2002
<i>Idade:</i>	2 anos; 5 dias
<i>Situação:</i>	FRA está na casa da AVÓ. No início, está na garagem com o gato, deitada na porta sobre um tapete. Após senta no piso da garagem, rodeada de brinquedos.
<i>Comentário:</i>	FRA está na garagem da casa da AVÓ, interagindo com CAR, CLA e a AVÓ.
[1ª parte]	
(l. 01)	FRA: <b>vamu bincá?</b>

<sup>2</sup> Consideramos como uma aparente repetição, uma vez que cada ato enunciativo é único e irrepitível. Entretanto, não podemos deixar de notar que as formas utilizadas são as mesmas, pelo menos em termos aparentes.

(l. 02)	CAR:	vamu @ de que nós vamú brincá?
(l. 03)	FRA:	<b>brincA</b>
(l. 04)	CAR:	fazê o quê?
(l. 05)	FRA:	<b>bincá</b> XXX ó ó ó [= FRA alcança outro pote à tia]
(l. 06)	CAR:	o que tu qué? Viu o miau tá dormindo ali
(l. 07)	FRA:	quê?
(l. 08)	CAR:	tu viu que o miau tá dormindo? O miau tá durmindu
	Com:	FRA olha para o gato que continua a dormir sobre o tapete. Depois, olha para a boneca que deslizou para o chão, puxando-a para sentar.
[2ª parte]		
(l. 09)	FRA:	caiu
(l. 10)	CAR:	caiu, <b>o nenê tá preguiçoso né?</b>
(l. 11)	FRA:	<b>ãh?</b>
(l. 12)	CAR:	o nenê <b>só qué dormi</b>
(l. 13)	FRA:	é
(l. 14)	CAR:	essi nenê!
	Com:	FRA <b>pega a boneca no colo.</b>
(l. 15)	FRA:	<b>çoso, ai guiçoso</b>
(l. 16)	CAR:	é preguiçoso? [= risos]
(l. 17)	FRA:	<b>guiçoso</b>
(l. 18)	CAR:	<b>por que ele é preguiçoso?</b>
(l. 19)	FRA:	XXX <b>ai qué col</b>
(l. 20)	CAR:	hum? Qué cólu? [= risos]
(l. 21)	FRA:	é

Fonte: SILVA, 2009b, p. 238 (adaptado)

No primeiro momento do fato enunciativo acima transcrito, vemos novamente o mecanismo de **repetição** sendo realizado pelo locutor-criança. No entanto, diferindo do fato A, FRA repete a forma que foi introduzida no discurso por ela mesma (l. 01), e ao **atualizar** a forma “bincá” no fio do discurso com CAR (l. 03), FRA engendra formas para referir àquilo que não pertence ao domínio nem do **eu** nem do **tu**, e sim ao domínio do **ele**, situação do mundo. Estabelece relação com a realidade por intermédio do discurso, subjetivando-a ao expressar sua vontade de brincar.

Na segunda parte, FRA é exposta à forma “preguiçoso”, introduzida por CAR no discurso (l. 10) e que faz referência à boneca que está no chão. Dessa vez, a criança demonstra não reconhecer a forma utilizada (l. 11) e, em consequência disso, não realiza a repetição. Em seguida, CAR auxilia FRA no processo de atribuição de sentido à forma “preguiçoso”, mostrando uma característica relacionada ao adjetivo (l. 12) que já faz parte do universo da criança. FRA reconhece a forma “dormi”, e isso se reflete na ação que a criança realiza, de pegar a boneca no colo e, agora sim, **repetir** as formas “çoso, guiçoso”

(l. 15). Entretanto, acreditamos que o locutor-criança não tenha se apropriado completamente do sentido de “preguiçoso”, uma vez que, quando indagada sobre o motivo de a boneca ser preguiçosa (l. 18) , a criança engendra uma nova forma no discurso, “col”, referindo ao fato de a não-pessoa querer colo.

Neste fato enunciativo B, a criança utilizou-se também do mecanismo de **repetição** para atualizar e atribuir sentido às formas presentes em seu discurso. Dois tipos de repetição foram efetuadas: na primeira parte, FRA repete a forma que ela introduziu no discurso (“brinca”), ao passo que na segunda parte, repete o dizer do **tu** em seu discurso (“guiçoso”). Além do mecanismo de repetição, o locutor-criança também operou o processo de **seleção e escolha**, mas de maneira distinta em relação ao fato que observamos anteriormente: no fato enunciativo A, a criança elegeu uma das quatro formas que foi exposta no desenrolar do discurso transcrito; no B, FRA elegeu a forma a partir do repertório de formas já apropriadas por ela em seu percurso de aquisição da linguagem, sendo que a forma “col” não havia sido empregada pelo **tu**.

## 5. Considerações Finais

Da discussão teórica benvenistiana e seu deslocamento ao campo de aquisição de linguagem, além da análise dos fatos enunciativos discutida na seção anterior, resulta a evidência de que a subjetividade única e individual imposta no discurso pelo locutor-criança define o funcionamento referencial que é expresso em seu discurso. Se fatos de aquisição de outra criança fossem analisados e colocados em discussão, perceberíamos que os mecanismos utilizados mostrariam diferenças em relação aos resultados aqui obtidos. É nesse fato em que reside a importância da análise do processo de aquisição de uma mesma criança.

Em ambos os fatos enunciativos que discutimos no presente artigo podemos evidenciar aspectos semelhantes, em se tratando da subjetividade impressa nos enunciados de **eu**, marcado pelas falas de FRA. Nas duas situações, é o locutor-criança quem realiza e opera os mecanismos enunciativos, engendrando e elegendo formas para referir ao que está fora da alocação **eu-tu** a partir de movimentos particulares, únicos e irrepetíveis. Dessa maneira, percebe-se que referência e subjetividade são inseparáveis na enunciação da criança em aquisição, e que a relação que o locutor estabelece com a

realidade e o mundo por intermédio da língua sempre carregará traços de sua subjetividade.

### Referências

- BENVENISTE, Émile. **A natureza dos pronomes**. Problemas de Linguística Geral I. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Da subjetividade na linguagem**. Problemas de Linguística Geral I. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura da língua e estrutura da sociedade**. Problemas de Linguística Geral II. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O aparelho formal da enunciação**. Problemas de Linguística Geral II. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte)*. **Letras de hoje**. v. 36, nº 4. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo, Contexto, 2013.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na estrutura enunciativa*. **Revista Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 23, n. 46, p. 27-45. jan-jun 2009a.
- \_\_\_\_\_. **A criança na linguagem – enunciação e aquisição**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009b.
- SILVA, Carmem Luci da Costa; ENDRUWEIT, Magali Lopes. *O oral e o escrito sob o viés enunciativo: reflexões metodológicas*. **ReVEL: Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 9, n. 16, 2011. [www.revel.inf.br].
- TOMAZZI, Raiany. **Como a referência do discurso da criança instaura os valores culturais e fundamenta a subjetividade de seu ato de aquisição da linguagem?** Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2014.